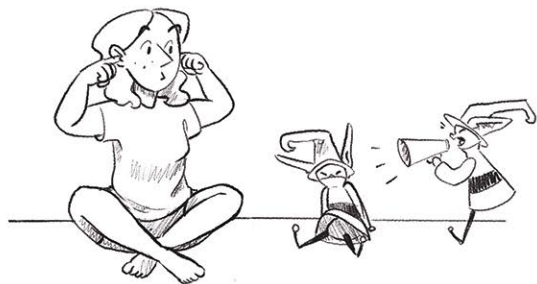


NEPENTE

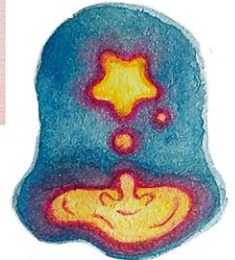


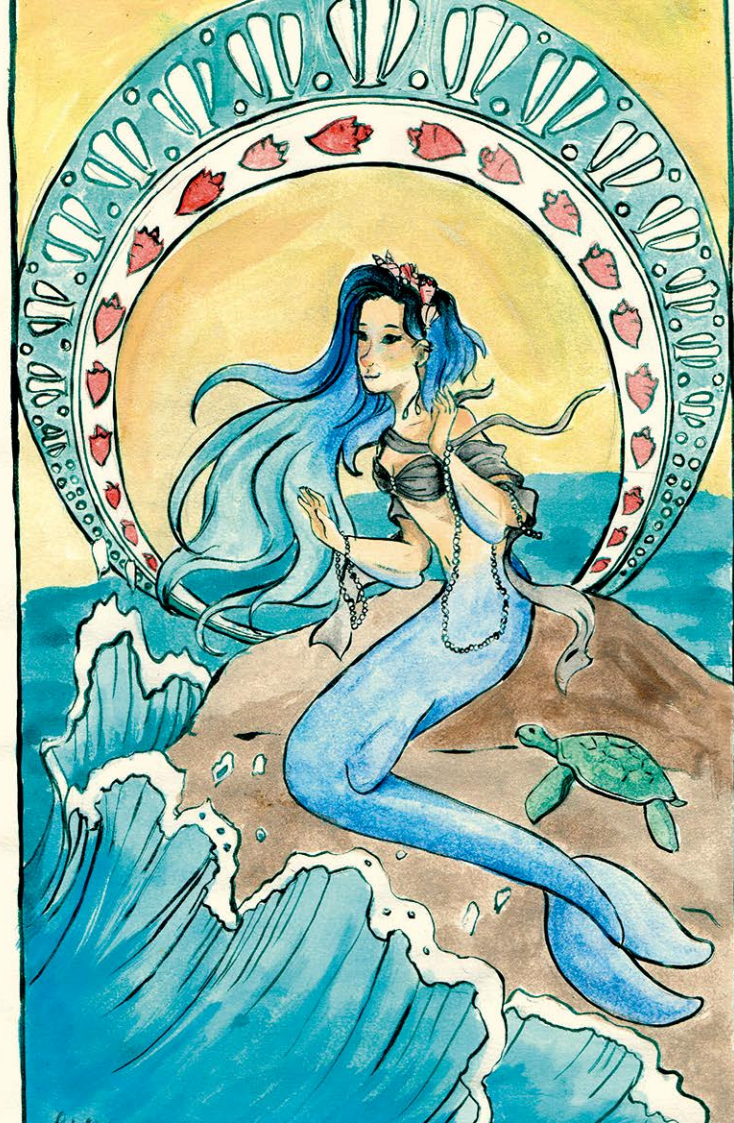
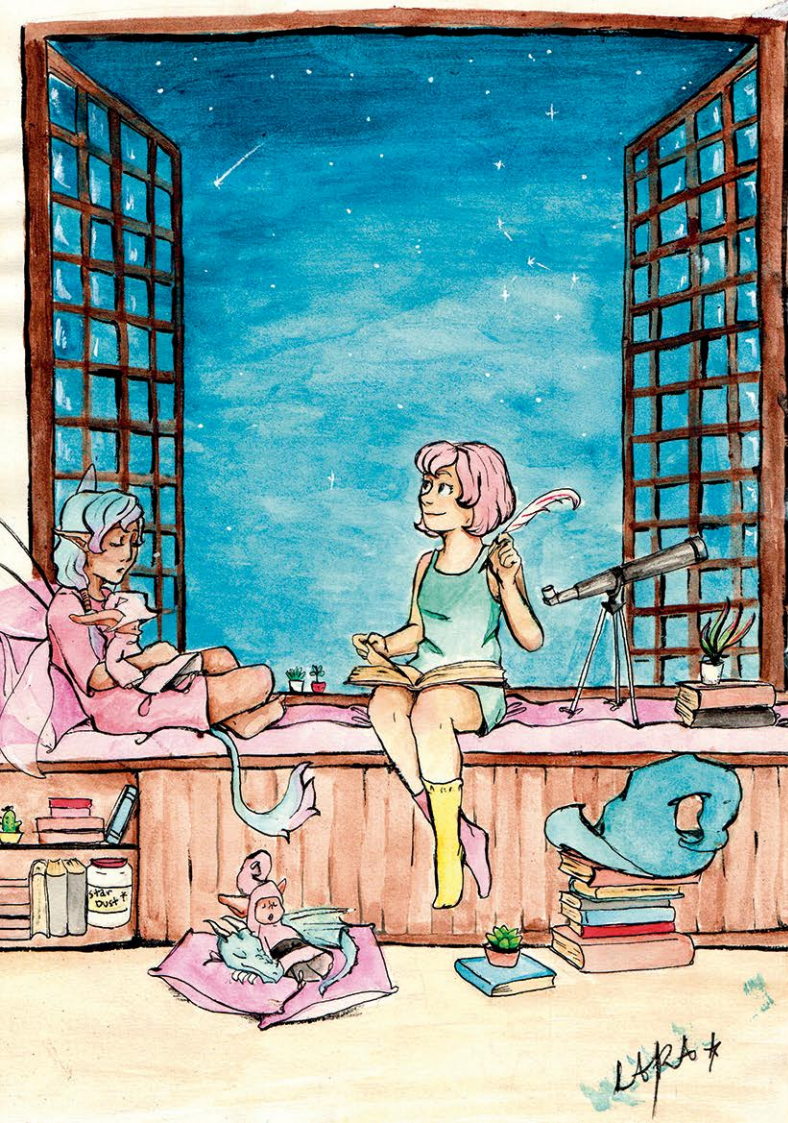


Trabalho dedicado as
vozes da minha cabeça.











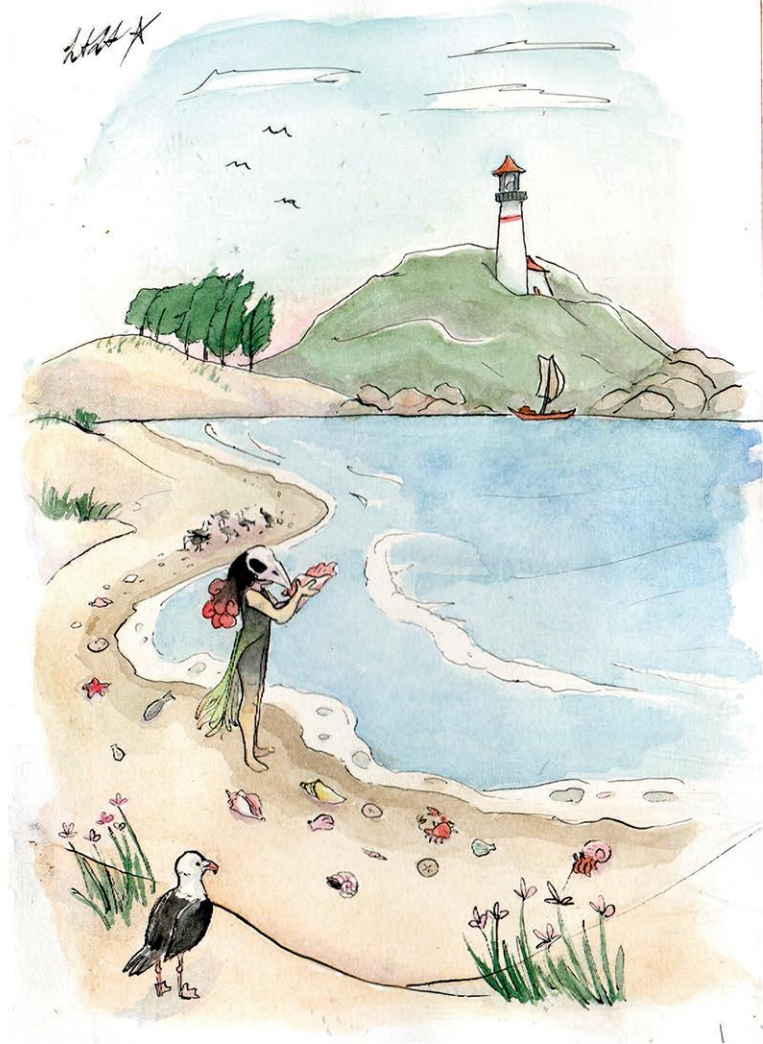




LARA X

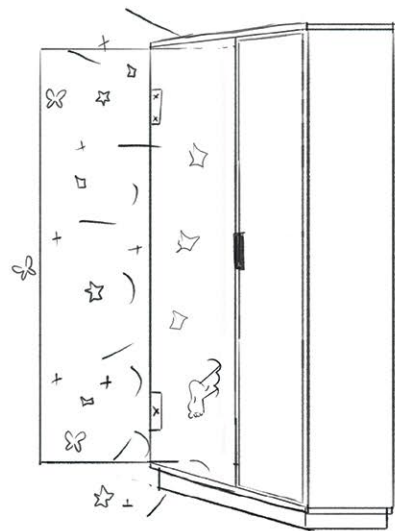






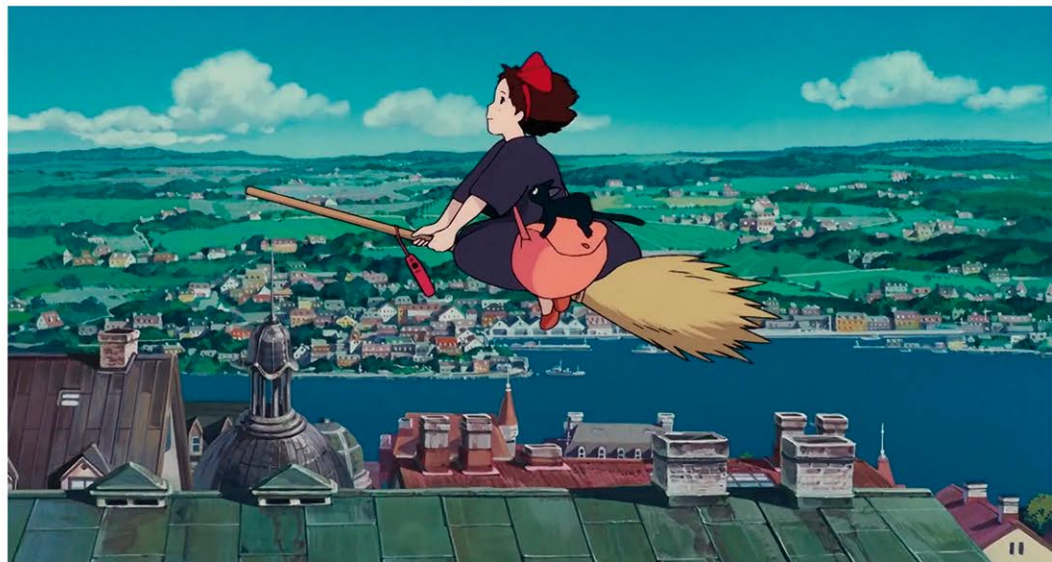
















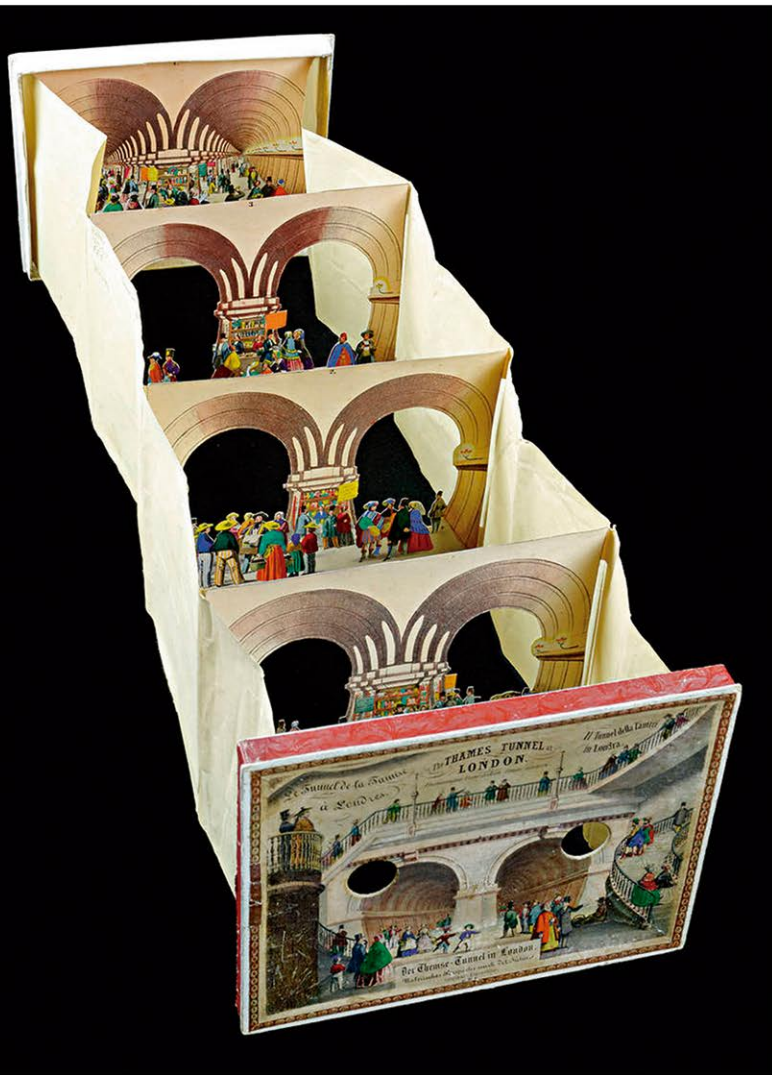




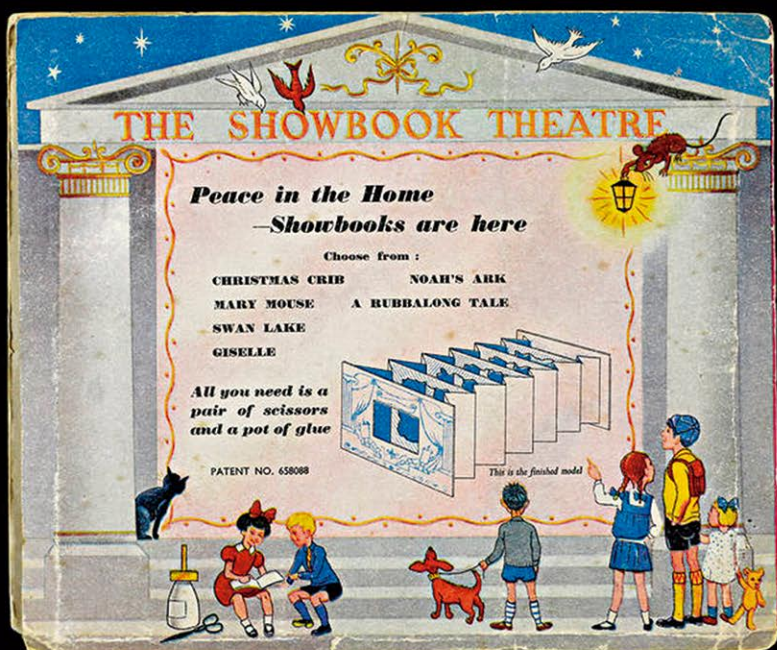
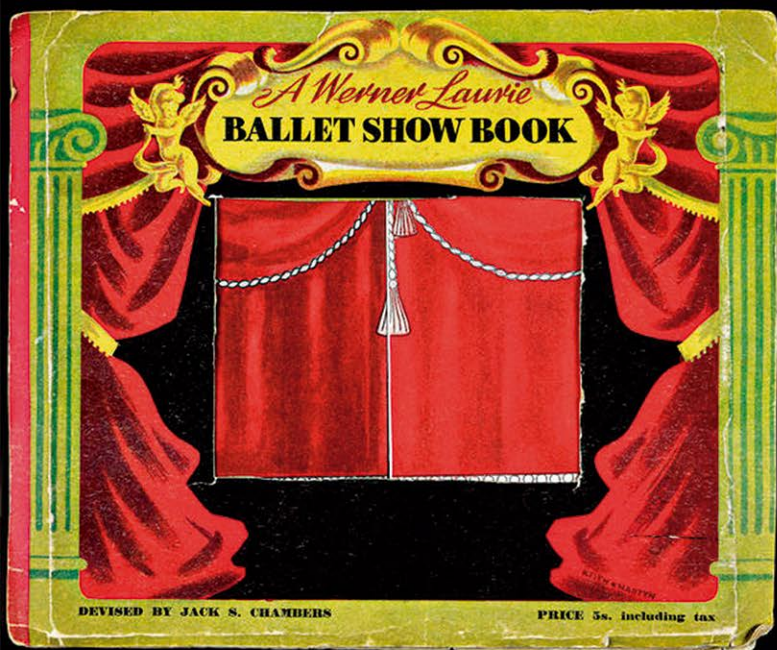


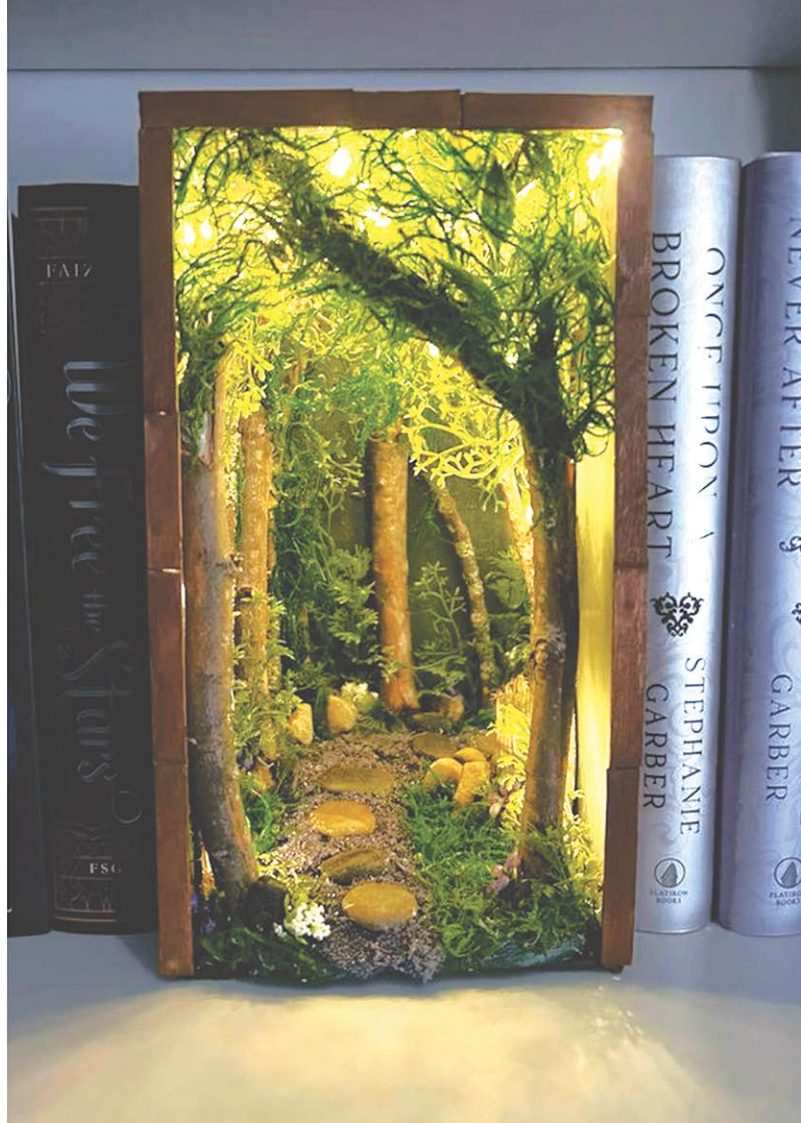
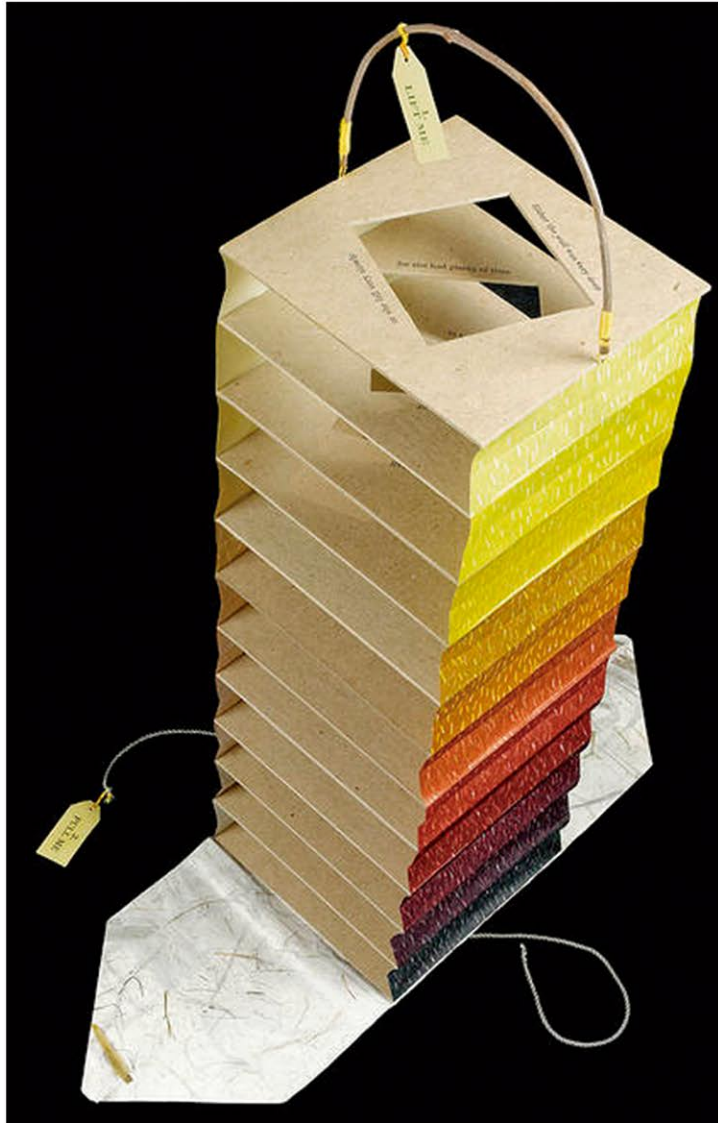




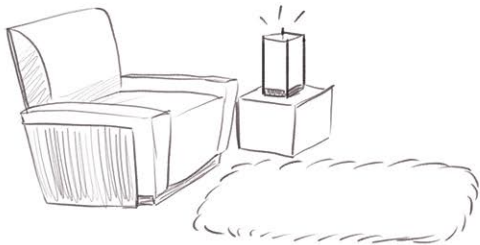








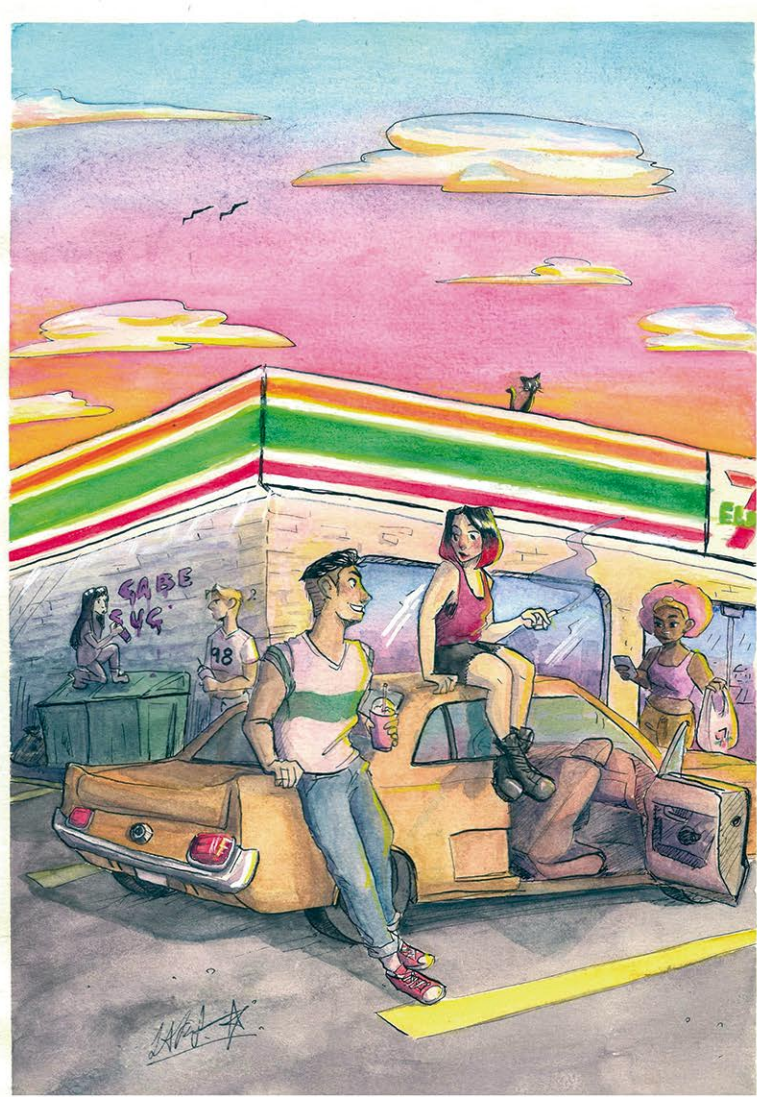
















LARI 4X







Lista de imagens



Vozes da minha cabeça

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: desconhecida



Sala da casa da bruxa

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2016



Outras Ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2016



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2016



Referência de estudo em aquarela

Qinni Han

Aquarela e nanquim

Dimensão: desconhecida

Data: desconhecida



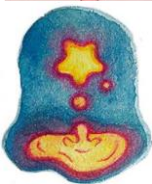
Outras ilustrações de fantasia

Qinni Han

Aquarela e nanquim

Dimensão: desconhecida

Data: desconhecida



Estudo de aquarela

Lara Marcelino

Aquarela

Dimensão: 1,5x2 cm

Data: 2018



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2018



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2018



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela

Dimensão: 10,5x14,8 cm

Data: 2019



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Tinta acrílica

Dimensão: 10x16 cm

Data: 2019



Referência de estudo de aquarela e luz

Jenny Yun

Aquarela e pintura digital

Dimensão: arquivo digital cm

Data: desconhecido



Referência de estudo de aquarela e luz

Jenny Yun

Aquarela e pintura digital

Dimensão: arquivo digital cm

Data: desconhecido



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2019



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2020



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 14,8x21 cm

Data: 2019



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2020



Referência de estudo de Ambiente

Heikala

Aquarela

Dimensão: Desconhecida

Data: Desconhecida



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 14,8x21cm

Data: 2021



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 14,8x21 cm

Data: 2022



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 14,8x21 cm

Data: 2022



Outras ilustrações de fantasia

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 14,8x21 cm

Data: 2022



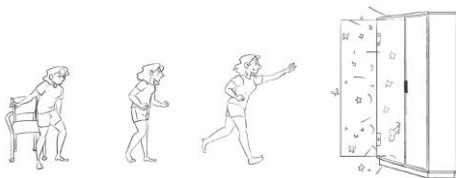
Disfunção executiva

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023



Fugindo para um mundo fantástico

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023



Fotografia minha dentro do armário dos meus pais.

Data: 2023



Life

Olafur Eliasson

Instalação

Data: 2021



Cenas do filme:

O Serviço de entregas da Kiki, do Studio Ghibli.

Direção: Hayao Miyazaki.

Data: 1985



Referência de estudo de Ilustração narrativa

Gabriel Picolo

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: desconhecida



Estudo de ilustração narrativa

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023



Lendo literatura infanto-juvenil

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023



Referência de *fanart*

Viria

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: desconhecida



Capa do livro bom dia Piti

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2019



***Dude is this yours, I think you've
dropped it back over there***

Tomislav Jagnjić

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023



Look what i've found

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2021



**Exemplo de ilustração com a
narrativa entre duas imagens**

Gabriel Picolo

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: desconhecida



**Exemplo de ilustração com a
narrativa entre duas imagens**

Gabriel Picolo

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: desconhecida



**Exemplo de ilustração
com narrador
escondido**

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2020



**Livro Túnel do corpo
humano**

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023



**Modelo de Livro Túnel baseado
no túnel do Tamisa**

Museu Victória and Albert

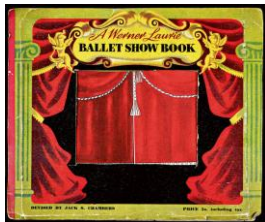


**Visão interna de Livro Túnel
baseado no túnel do Tamisa**

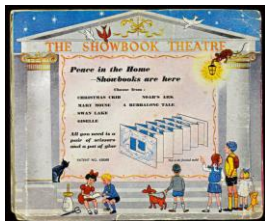
Museu Victória and Albert



Modelo de Livro Túnel decorativo de madeira
Museu Victória and Albert



Modelo de Livro Túnel montável para crianças
Museu Victória and Albert



Modelo de Livro Túnel montável para crianças
Museu Victória and Albert



Livro Túnel, da Artista Tara Bryan;
Museu Victória and Albert



**Modelo de separador de livro que
serviu de inspiração para meu
Livro Túnel**

Artista desconhecido



**Outra inspiração para meu
Livro Túnel**

**Versão em 3D da obra
Wandering Shadows, por
Lennert Meyer-Puttitz**

Museu Miniatur Wunderland.



Minimodelo de Livro Túnel

Lara Marcelino

Data: 2023



Eu odeio minimalismo

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023



Ballon Dog

Jeff Koons

Escultura em aço

Dimensão: 307,34x

363,22x114,3 cm

Data: 1994-2000



Cenas do filme: O Castelo Animado, do Studio Ghibli.

Direção: Hayao Miyazaki.

Data: 2004



Neurastenia e o excesso de positividade

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2023



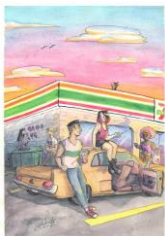
Ilustrações ricas em detalhes e defeitos, feitas para demorar-se

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2022



Ilustrações ricas em detalhes e defeitos, feitas para demorar-se

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2022



Ilustrações ricas em detalhes e defeitos, feitas para demorar-se

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 21x29,7 cm

Data: 2023



Ilustrações ricas em detalhes e defeitos, feitas para demorar-se

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 14,8x21 cm

Data: 2023



Ilustrações ricas em detalhes e defeitos, feitas para demorar-se

Lara Marcelino

Aquarela e nanquim

Dimensão: 14,8x21 cm

Data: 2023



Plano geral da obra:

Nepente

Lara Marcelino

Livro Túnel de aquarela e nanquim

Dimensão: 52x43x62cm

Data: 2023



Plano detalhe da obra:

Nepente

Lara Marcelino

Livro Túnel de aquarela e nanquim

Dimensão: 52x43x62cm

Data: 2023



Plano detalhe da obra:

Nepente

Lara Marcelino

Livro Túnel de aquarela e nanquim

Dimensão: 52x43x62cm

Data: 2023



Plano detalhe da obra:

Nepente

Lara Marcelino

Livro Túnel de aquarela e nanquim

Dimensão: 52x43x62cm

Data: 2023



Plano detalhe da obra:

Nepente

Lara Marcelino

Livro Túnel de aquarela e
nanquim

Dimensão: 52x43x62cm

Data: 2023



**Uma poção mágica capaz
de tirar a dor e a aflição**

Lara Marcelino

Arte digital

Dimensão: arquivo digital

Data: 2023

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL
CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS -
BACHARELADO

LARA MARCELINO

NEPENTE: SUSPENSÃO DA REALIDADE
COM A ILUSTRAÇÃO EM LIVRO TÚNEL

CRÍCIUMA

LARA MARCELINO

**NEPENTE: SUSPENSÃO DA
REALIDADE COM A ILUSTRAÇÃO EM
LIVRO TÚNEL**

Trabalho de Conclusão de
Curso, apresentado para
obtenção do grau de
Bacharel no curso de Artes
Visuais da Universidade do
Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientador: Prof. Me. Alan
Figueiredo Cichela

CRÍCIUMA

2023

LARA MARCELINO

**NEPENTE: SUSPENSÃO DA
REALIDADE COM A ILUSTRAÇÃO EM
LIVRO TÚNEL**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para
obtenção do Grau de Bacharel, no Curso
de Artes Visuais da Universidade do
Extremo Sul Catarinense, UNESC, com
Linha de Pesquisa em Processos e
Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 21 de Novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alan Figueiredo Cichela - Mestre -
(Unesc) - Orientador

Prof. Marcelo Feldhaus - Doutor - (Unesc)

Prof. Odete Angelina Calderan - Mestra -
(Unesc)

AGRADECIMENTOS

Existem muitas pessoas para agradecer por me apoiarem ao longo deste projeto, mantendo isso breve agradeço primeiro ao Alan, meu orientador, que teve um olhar crítico sobre essa aluna meio maluca e a ensinou a fazer tudo na maneira que ela conseguiria, com muita paciência em relação aos meus surtos.

Agradeço a minha terapeuta Helena por controlar e resolver meus surtos na terapia, aos meus amigos e colegas de curso por surtarem comigo, minha melhor amiga que aguenta meus surtos mesmo estando a quatrocentos quilômetros de distância, minha família por sempre me lembrar de surtar por algo diferente que a faculdade, e aos meus primos por beberem

comigo, de alguma forma entenderem minhas explicações surtadas sobre meu projeto e ajudarem a monta-lo.

Mas principalmente sou grata a meu pai que sempre teve fé no trabalho dessa filha surtada e a minha mãe que acima de qualquer surto nunca me deixou desistir de mim.

“Eu desejo, eu desejo, de
todo coração. Voar para
longe, para a Terra dos
Dragões.”

Max e Emília – Historinhas
de dragões (1999)

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso busco criar um momento de suspensão da realidade através da ilustração em Livro Túnel, entendendo os funcionamentos da experiência proporcionada pelo Livro Túnel e como ela pode ser utilizada para proporcionar momentos de suspensão da realidade, contra a era de informações em que vivemos. No decorrer do texto, estudo as técnicas de ilustração e Livro Túnel, junto com estudos estéticos e filosóficos sobre a sociedade contemporânea. Dessa forma, procuro alcançar um conhecimento sobre o uso de detalhes em excesso, na ilustração para Livro Túnel, que contribua para que uma obra crie um momento de suspensão da realidade. A pesquisa é de caráter

qualitativo e desenvolvida com metodologia a/r/tográfica, explorando o processo de pesquisa e criação da obra até sua conclusão.

Palavras-chave: arte contemporânea; estética; experiência; imaginário.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SB	Síndrome de Burnout
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso aqui apresentado tem sua origem na minha adolescência, enquanto eu desenhava durante algumas aulas.

Nesse processo de desenhar na sala eu ia pedindo opinião de amigos, procurando referências na internet e ignorando um pouco o mundo ao meu redor, assim acabei desenhando a sala de estar de uma bruxa cheia de poções, livros e quinquilharias que acreditava que se encaixavam no cenário. Após o contorno em nanquim e da pintura em aquarela achei o resultado satisfatório, porém, não mais que a reação de meus amigos, quando mostrei o desenho pronto.

O interesse de cada um em procurar os elementos em cena, de tentar entender o que acontecia ali, era o que me dizia que realmente tinham gostado, até que um deles disse algo que se mantém em minha memória: Eu queria poder estar ali dentro!

Motivada com a reação dos meus colegas e do efeito que criou em mim, produzi diversas outras ilustrações semelhantes com as mesmas personagens e temáticas fantásticas. Para mim esse ato torna-se uma perfeita fuga do fato de que o mundo real nunca será tão mágico quanto os mundos que existem dentro da minha cabeça.

No entanto nem mesmo minhas criações foram capazes de me imunizar contra a ansiedade provocada pelo excesso

de informação que eu recebia: o demasiado conteúdo escolar, a pressão dos vestibulares e o cenário político do país (era então o ano de 2016), contribuíram para abrir um buraco no meu cérebro e, conforme mais conteúdo eu absorvia, mais perdia a capacidade de descansar, desencadeando uma disfunção executiva – que são alterações nas funções cognitivas e comportamentais variadas que comprometem a realização de tarefas cotidianas de forma autônoma, causando complicações como a dificuldade na seleção de informação, distração, dificuldade da tomada de decisão, problemas de organização e o controle de impulsos.

Em *Sociedade do Cansaço* (2010), o autor Byung-Chul Han (1959) aponta a entrada do século XXI como uma era de violência neuronal, oposta a décadas anteriores onde a violência era de caráter bacteriológico ou viral. Enquanto isso, na contemporaneidade essa violência se manifesta por um excesso de positividade. Segundo Han:

A positivação do mundo faz surgir novas formas de violência. Essas não partem do outro imunológico. Ao contrário, elas são imanentes ao sistema. Precisamente em virtude de sua imanência, não evocam a defesa imunológica. Aquela violência neuronal que leva ao infarto psíquico é um terror da imanência. Esse se distingue radicalmente daquele horror que procede do estranho no sentido imunológico. A Medusa é quiçá o outro imunológico em sua forma extrema. Constitui uma alteridade radical, que nem sequer se

pode olhar, sem sucumbir. Assim, a violência neuronal, ao contrário, escapa a toda ótica imunológica, pois não tem negatividade. A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso é inacessível a uma percepção direta. (Han, 2010, p.11)

O autor explica que ao se tornar diretamente imperceptível a violência neuronal se torna intrínseca ao sistema, como exemplo o autor cita a obesidade: é positivo que precisamos de alimentos, mas nosso corpo não consegue entender o exagero de alimento recebido como algo prejudicial.

Portanto ao recebermos toda essa positividade acabamos desenvolvendo transtornos neurológicos e psicológicos como a depressão, o Transtorno do Déficit

de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Síndrome de Burnout (SB), os quais Byung-Chul Han classificou como as patologias do século.

Durante os quatro anos da minha vida acadêmica sempre preferi as matérias práticas às teóricas, as vezes minha cabeça simplesmente não queria mais entrar em debates de cunho político e social, e haviam dias que as discussões aconteciam no trabalho, em casa e na faculdade, com tanta informação tudo que eu queria era entrar no meu armário esperando atravessar para uma terra mágica, como quando eu era pequena e podia fingir que o armário dos meus pais era meu portal particular para o mundo da fantasia.

No entanto, ao longo dessas aulas teóricas, percebi que para um leigo (que considero como alguém de fora do mundo das artes e seus estudos, cujo conhecimento artístico se restringe as aulas de artes aplicadas no ensino fundamental ou anterior), a arte é apenas uma pintura bonita, um desenho bem feito, uma estátua, um retrato de alguém famoso, poucos entendem que a arte sempre esteve falando de algo, de alguém, um momento, uma fofoca.

Muitas vezes pessoas do meu círculo social não entendiam o cansaço que eu sentia em relação as aulas simplesmente por nunca terem sido ensinados sobre isso, por consequência não entendem a arte contemporânea, que também está sempre

falando sobre tudo, fazendo seus expectadores questionarem o mundo e a sociedade em que vivem. Um exemplo que posso citar é a instalação *Life* (2021) de Olafur Eliasson (1967), que em essência era a criação de lagos artificiais que inundaram a Fundação Beyeler – Um museu de arte moderna e contemporânea aberto em 1997, localizado em Basileia na Suíça, é hoje considerado um dos mais belos do mundo. As pessoas podiam visitar a qualquer hora do dia a instalação, andando sobre passarelas de madeira escutando sons e cheiros variados.

Para quem olha sem conhecer a obra, seria apenas uma experiência divertida ou uma obra irracional, mas ao estudar o conjunto da obra descobrimos que ela trata

da relação humana com a natureza e como o artista busca criar um espaço entre os afetados e envolvidos com a exposição, o próprio artista fala a fundação: “...Através da exploração coletiva do mundo que partilhamos, podemos, espero, torná-lo habitável para todas as espécies” (OLAFUR ELIASSON, 2021).

Além disso, ao se tratar de uma obra imersiva o artista tenta desacelerar o tempo, os visitantes passeavam contemplando cenários e sensações diferentes, o tempo se tornava uma presença aparente, não uma unidade de padronizada, mas um sentido vivido e experimentado.

Certa vez durante uma aula de Estética, questionei o professor a respeito de uma arte que fosse na contramão dessa

necessidade de falar, que talvez tentasse despertar tranquilidade ou esvaziar a mente do observador, eu mesma não sabia explicar o que procurava. A resposta, sincera, foi que ele não tinha conhecimento de algo assim, a menos que considerássemos a mídia de entretenimento como uma forma de arte.

Meus desenhos, desde criança sofrem influência de filmes, de animações, de Histórias em Quadrinhos, dentre outras formas de entretenimento que são utilizadas como válvula de escape para meus problemas. Sem dúvida minha principal referência é ancorada nos trabalhos do Studio Ghibli – um estúdio de animação japonês fundado em 1985, responsável por obras cinematográficas sensíveis, diversas

e profundas, falando de assuntos sérios num passo muito mais tranquilo (ou lento) que a mídia ocidental, onde há pouca ou quase nenhuma área de respiro dentre cenas de ação e/ou diálogo –, em especial o filme O serviço de entregas da Kiki (1989). Nele, uma das mensagens lembra a artistas de diversos campos a importância de se divertir ao criar para não perdermos nossa inspiração em meio ao dia-a-dia, e que quando a inspiração some é necessário sossegar e recarregar as baterias.

Diversas vezes meus colegas de faculdade já compararam algumas obras minhas com as produções do Studio Ghibli, conseqüentemente isso me levou a querer repassar essa sensação de alívio que sentia com os filmes para meus trabalhos. Ao

perceber que existe uma necessidade de contar histórias confortáveis através das ilustrações, descubro que talvez eu tenha visto isso como minha nova válvula de escape.

Acredito que a ilustração, acima de qualquer outra função atribuída, tem função narrativa. Aprendi isso em uma aula online (e que infelizmente não existe mais) na plataforma *Skillshare* – um site que contém vários tipos de cursos curtos, desde culinária, até faça você mesmo e como cuidar das próprias finanças - com o quadrinista brasileiro Gabriel Picolo(1995), uma boa ilustração induz o observador a imaginar uma história, independente se você possui um contexto ou não.

Nela tudo importa, a pose das personagens, o ângulo, as cores, os elementos ao redor e até a técnica utilizada influencia a leitura da imagem. E, diferente de outras formas de imagem a ilustração contém – reflexão minha – um elemento crucial: a capacidade de gerar curiosidade. Considero impossível não tentar entender o que está acontecendo em uma imagem em que o personagem está olhando pela janela, ou querer saber de quem é a sombra ameaçadora projetada por uma luz quente em um beco.

Após anos do meu ensino médio, e de uma boa evolução no meu estilo de ilustração, olhar para aquele desenho da sala da bruxa não tem mais o mesmo efeito, mas fico feliz em perceber que a vontade de

estar dentro das minhas obras prevalece para quem as vê. Essa sensação foi a inspiração para meu primeiro *Tunnel Book* (Livro Túnel – tradução minha, na ausência de um termo específico na língua portuguesa), feita para um projeto da disciplina de História da Arte III, projeto esse que eu detestei o resultado, porém sabia que tinha potencial de ser algo melhor, como um trabalho de conclusão de curso.

Até o começo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) eu não tinha conhecimento do termo Livro Túnel, que é atribuído a caixas com laterais sanfonadas e um buraco na capa, carregando um mundo de ilustrações dentro e foram populares no século XVIII, ou que também se atribuía a livros recentes, que inclusive

tive durante minha infância. Na minha cabeça a técnica era bastante simples, alterar os tamanhos e cores dos elementos da cena a fim de gerar uma profundidade ilusória. Essa técnica habilita ao artista esconder itens na cena que se revelam de acordo com o ângulo que olhamos, permitindo o observador entrar na obra.

Unindo a narrativa da ilustração, com a capacidade imersiva da técnica de Livro Túnel e minha necessidade de encontrar um portal mágico que me leve para longe da realidade, cheguei ao problema de pesquisa: Como a ilustração em Livro Túnel influencia a experiência estética do observador suspendendo a sua realidade?

Onde meu objetivo geral é: criar um momento de suspensão da realidade através da ilustração em Livro Túnel.

Quanto a meus objetivos específicos, são: Entender as possibilidades da técnica de ilustração em Livro Túnel; Proporcionar uma experiência estética através da ilustração de Livro Túnel, e; Despertar o imaginário do observador gerando um momento de suspensão da sua realidade.

A pesquisa se desdobra também sobre as seguintes questões norteadoras: Como a ilustração desperta o interesse do observador, estimulando seu imaginário? Como a profundidade ilusória da técnica de Livro Túnel nos convida a entrar dentro da obra? Como o excesso de detalhes em uma imagem consegue nos suspender da

realidade em um mundo com excesso de informações?

Minha pesquisa é construída sobre imagens, no entanto decidi discorrer sobre o conceito da pesquisa em capítulos separados, sendo esses capítulos nomeados de Livretos.

No Livreto 1 irei tratar sobre a capacidade narrativa da ilustração e como ela instiga nossa curiosidade como observador.

No Livreto 2 conceituo brevemente a técnica de Livro Túnel e busco entender como a técnica nos convida a entrar na obra.

No Livreto 3 recorro a estética para explicar como imagens carregadas de detalhes ainda são capazes de nos distrair

da realidade em um mundo repleto de informações.

Por fim, as considerações finais estarão no livreto Conclusão, onde junto tudo mencionado nos livretos anteriores buscando chegar ao meu objetivo geral.

Essa pesquisa é de natureza básica e tem caráter qualitativo, pois não se preocupa com quantidade de dados, mas com sua qualidade. Já a metodologia de pesquisa aplicada é a a/r/tográfica, nela a pesquisa é considerada viva, o artista é pesquisador e objeto de estudo, e o processo é considerado tão importante quanto o resultado, “é uma forma relacional de investigação que busca a produção de significados, a compreensão e criação de conhecimentos” (Rita Irwin, 2013, p.31).

Este TCC tem como característica essencial a estrutura de um armário de papel paraná, planejado e executado por mim. Dentro, ele carrega o livro principal composto de ilustrações e imagens, seguido de pequenos livretos para cada capítulo de desenvolvimento textual.

Um livreto é dedicado a criação da obra e contém os esboços e anotações feitas ao longo do projeto. As considerações finais também serão produzidas em um livreto.

Por fim, como parte requisitada de um TCC de artes visuais, criei uma obra utilizando da técnica de Livro Túnel, a ideia para essa obra já existia antes mesmo da pesquisa, no entanto os elementos

ilustrados foram criados de acordo com a montagem da obra.

Emoldurei um bosque mágico, feito de camadas de papel, nanquim e tinta, uma base de papel paraná, laterais de papel manteiga e suporte de madeira. A obra deve ter a área externa escondida por um biombo de MDF que simula uma parede, fazendo assim que pareça apenas uma pintura emoldurada.

Continua no livreto 1.

Livreto I

Eu sempre gostei de desenhar, sempre gostei de inventar personagens, e ficar imaginando o que fariam dentro de seu universo, talvez por isso o que me levou de fato a criar ilustrações, não foi a arte, mas sim a literatura, no caso a literatura infanto-juvenil:

A defesa da produção literária especialmente dirigida ao público infantil ganhou força com a construção do moderno conceito de infância no século XVIII. A partir daí, a própria infância passa a obter maior atenção dos diversos saberes, num debate em que a pedagogia ganha destaque especial. Assim, a partir do século XIX o número de publicações escritas para crianças não parou mais de crescer - muito em função da instituição escolar - a ponto de hoje, ela ser a maior fatia do mercado editorial brasileiro, consolidando assim a ideia de uma literatura infantil com suas obras e

tradição específicas como uma realidade.
(LITERATURA infantil e juvenil, 2023)

Sou apaixonada por livros infanto-juvenis populares no início da década de 2010, eu conheci muitos ilustradores online que desenhavam personagens dessas histórias, as populares arte de fãs ou como são mais conhecidas: *fanarts*.

Esses artistas desenhavam cenas diretas da história e também inventadas, aumentando ainda mais o universo e personalidade dos personagens. Eu consumia essas imagens por horas a fio, então comecei a ter minhas próprias ideias e decidi desenhar, reparei que minha arte não era tão bonita quanto a deles, assim comecei a estudar anatomia, perspectiva e

teoria das cores aprimorando minha técnica.

A primeira vez que li a palavra ilustração entendi-a como um sinônimo de desenho:

Vários são os materiais empregados na elaboração de desenhos. Eles podem ser feitos com pena ou ponta de prata, para a obtenção de traços finos; com lápis, giz ou carvão, quando a linha se torna mais espessa; também com pastel ou pincel, quando o objetivo é um traço mais grosso. Desde a invenção do papel, no século XIV, ele se torna o suporte dominante para a realização de desenhos. É possível classificar o desenho em função dos instrumentos utilizados para sua execução, ou da ausência deles, e pensar em modalidades distintas do registro de acordo com as finalidades almejadas. Há o desenho científico, usado na zoologia, botânica e anatomia (frequentemente empregados como ilustrações de manuais didáticos); o desenho técnico, industrial e arquitetônico (realizado, de

modo geral, com o auxílio de réguas, compassos, esquadros e outros instrumentos); o desenho utilizado pela imprensa e pelos livros (ilustrações, retratos e caricaturas), o desenho artístico etc. Desenhos são também utilizados por cineastas, designers, coreógrafos e cenógrafos em esboços, maquetes e projetos auxiliares. Desse modo, conclui-se que o desenho invade os mais diferentes campos e áreas de atuação - ciências, artes aplicadas, belas-artes, indústria, publicidade etc. -, nas mais diversas etapas da história da humanidade. É a partir do século XVI, com o advento do Renascimento, que o desenho se desenvolve como obra de arte. (DESENHO, 2023)

E, apesar de muitas vezes ser usado como, no dicionário seu significado é descrito como uma imagem que acompanha o texto. Mesmo assim, existem ilustrações que carregam narrativas sem ter texto algum atribuídos a ela – a ilustração.

Assim, faz mais sentido adicionar a definição de Zimmermann e Freitas (2019, p.330), dizendo que “a ilustração amplia, substitui, e ou, adiciona elementos ao texto”. Eu gosto dessa definição, pois quando uma criança pega um livro de estórias, mesmo que ainda não consiga ler as frases, consegue fazer certo entendimento da imagem.

Foi em 2019 que trabalhei com ilustração pela primeira vez, ilustrando o livro Bom dia Piti (2019) da autora Carolina Alves. Foi uma atividade curiosa, o público do livro é infantil, cada página tem no máximo quatro linhas de texto, e eu estava em uma fase de querer ser mais madura nas minhas artes, queria desenhar coisas mais sérias e legais, então ter que adaptar

meu traço para desenhar uma onça e um camaleão foi um desafio.

Eu penei um pouco para fazer com poucas linhas as imagens. Tinha vontade enorme de colocar balões de fala para as personagens, mas não era um quadrinho, era um conto de fadas para crianças em idade de aprendizado, eu precisava ser objetiva com as imagens, naquele momento ainda era muito dependente de palavras para fazer valer minha ilustração e entendi que precisava melhorar essa habilidade narrativa.

A narrativa é entendida como uma exposição de fatos que compões uma história, em *A Imagem* (1993), Jacques Aumont (1942), conceitua a distinção de mostração e a narração em uma imagem,

sendo o primeiro a mostra literal de algo, como o cenário de fundo de um filme, e o último como os acontecimentos que estão em frente a este fundo, e que na imagem fixa narra os acontecimentos representados.

Podendo, essa representação, ser feita de modo instantâneo e fotográfico ou de um modo sintético, como no cubismo analítico, que ao aumenta pontos de vista de um sujeito em um único quadro, criando assim uma colagem de fragmentos, cada qual com uma lógica espacial, e ou, temporal.

Quando busquei melhorar minha ilustração acabei indo atrás não apenas da imagem, mas também o que constitui uma boa narrativa em termos literários. A

narrativa se estrutura em cinco elementos essenciais, o acontecimento, as personagens, o espaço, o tempo e o narrador.

É necessário acontecer algo para contar uma história. Para acontecer algo é necessário personagens envolvidos em um determinado lugar e tempo, e é preciso que alguém conte essa história. Ao transmitir esses pilares para a ilustração conseguimos deixar a narrativa mais interessante.

Tendo isso em mente penso primeiro sobre o espaço e o tempo, que tipo de lugar estou desenhando? Pode ser uma floresta, o fundo do mar, dentro de uma casa. O tempo está tanto em questão histórica, com referência a tempos antigos ou futurísticos, em questões mais diretas, na distinção

entre dia ou noite, ou as estações do ano, alterando o ambiente e as roupas das personagens.

Em seguida pensemos nas personagens, elas precisam estar fazendo algo, estarem rígidas, ou apenas em uma pose legal, não necessariamente dizem algo, mas alterar o comportamento expressões e até sua aparência, assim, pode se dizer que está acontecendo algo, pense que o acontecimento não tem que se mover fisicamente, pode parecer como um instante capturado em uma fotografia.

O último elemento atribuído a uma ilustração é a narrativa, você pode ter quadros de fala como em Histórias em Quadrinhos. Pode estar acompanhando algum texto, não importa qual o caráter do

texto, o título de uma obra também pode explicar muito sobre ela, por exemplo, o ilustrador sérvio Tomislav Jagnjić, que cria artes de conceito com temáticas fantástica e coloca no título da obra algo que de um norte narrativo, como a pintura Cara isso é seu? Acho que você deixou cair lá atrás (título original em inglês: Dude is this yours, I think you've dropped it back over there), que mostra um gigante de grama devolvendo uma espada para um cavaleiro de armadura.

O narrador também pode se esconder em uma sequência de imagens separadas, como o quadrinista brasileiro Gabriel Picolo costuma fazer em suas ilustrações. Diversas vezes ele faz *fanarts* de super-heróis e as posta aleatoriamente em suas

redes sociais, depois de um tempo as pessoas que o seguem começam a notar referências que conectam umas e outras, como por exemplo, em uma delas vemos um herói tratando de machucados em uma sala de estar, na mesa de centro há um celular recebendo ligação com nome de outra heroína, numa próxima ilustração ele mostra essa heroína ao lado de um telefone, aparentemente irritada por não ser atendida.

As duas ilustrações separadas parecem não ter conexão narrativa, mas isso aparece com elas juntas, assim sabemos que ele estava recebendo ligações, pois ela capturou um vilão.

Algumas vezes utilizo desse artifício, coloco títulos que dizem algo nas minhas

ilustrações. No entanto, as vezes prefiro um texto sem resposta clara sobre o conteúdo – como Nepente – ou que não saibam logo de cara o título, pois meu jeito favorito de inserir um narrador em uma ilustração é que o artista e o espectador sejam os narradores. Nessa última ideia o artista participa criando uma narrativa, mas ao não deixar nenhuma palavra explícita para quem está lendo abro um enorme leque de interpretações para observador.

Posso exemplificar isso com uma arte minha que retrata a cozinha de uma bruxa. Nessa ilustração sabe-se que é dia, há uma menina na cozinha que esta bagunçada, pois ela está fazendo biscoitos e há uma chaleira fervendo no forno a lenha, a menina olha pela janela, mas você não sabe

o que ela vê. Ela está de costas para o observador, então não se sabe sua expressão, porém ela se coloca nas pontas dos pés para chegar mais perto, o que denota curiosidade.

Saber que é a cozinha de uma bruxa é um entendimento meu, ela não possui um chapéu pontudo, pele verde e roupas preta. O observador só vai compreender isso ao prestar atenção em outros elementos presentes em cena, como o dragão descansando no forno a lenha e o duende no balcão da cozinha, talvez nem sequer a considerem uma bruxa, talvez achem que ela é uma curandeira, pois ela possui muitas plantas na sua cozinha, talvez achem que ela está vendo uma visita se aproximar de

sua casa para tomarem chá e ela nem terminou os biscoitos ainda.

Gosto da possibilidade de deixar a narrativa livre para o observador fazer o que quiser com ela, isso ajuda a manter a curiosidade nas minhas artes. Como sempre coloco muitos elementos em cena as pessoas costumam ficar procurando coisas, que conectem significados para suas próprias histórias imaginárias.

Atribuir uma narrativa silenciosa a minha obra do TCC é um ponto essencial para provocar a suspensão da realidade, quando lemos um livro, nossa concentração fica toda nele e a imaginação se amplia, leitores podem se gabar de terem viajado para diversos mundos através de palavras, na minha obra proporciono algo

semelhante: eu dou os elementos, o local, o tempo, acontecimentos e personagens, eu chego a imaginar toda a narrativa, mas não a conto, é o observador que cria a própria narrativa.

De certa forma estão participando da obra. Pode até ser que não olhem por muito tempo, mas uma mente criativa o suficiente irá ficar no universo imaginário que ela cria com essa fagulha por quanto tempo desejar.

Em seguida vou tentar prender a atenção de quem vê minha obra por mais tempo, no Livreto 2.

Livreto II

Lembro-me de ter tido alguns Livros Túneis quando criança, no entanto só fui saber o que são de fato recentemente, com uma pesquisa muito escassa na internet. Essa técnica, que apesar da palavra livro no nome nem sempre tem função literária, passa despercebida por muitos, nem mesmo a Wikipédia tem uma página própria para isso, são colocados como uma variação de livros móveis ou pop-ups.

Apesar da associação entre ambos estar correta, acredito que isso ajude um pouco para o apagamento da definição de Livro Túnel. Afinal, a definição mais simples sobre o que é um Livro Túnel é: camadas de papel presas a uma ou duas laterais, contendo ilustrações que cubram umas às outras, em perspectiva, e que são visíveis

por uma abertura centralizada. No meu caso lembro bem de um livro sobre o corpo humano em que cada camada de papel constituía uma camada do corpo, ao ser passada a página nesse livro, entrávamos mais no interior do corpo, até chegar no sistema nervoso.

De acordo com o site do museu londrino Victoria e Albert, ou V&A, o Livro Túnel, conhecido em inglês como *Tunnel Book*, e originalmente como *Paper Peepshow*, tem origens no século XVIII, de outra forma artística, porém extremamente semelhante, que era feita com materiais mais rígidos. Tratava-se de vistas ilustradas que eram deslizadas em intervalos regulares para uma caixa rígida feita de madeira ou papelão, com o olho mágico

localizado em uma das extremidades. A estrutura em camadas de *Peepshow* foi inspirada nos cenários de teatros barrocos, onde a decoração era pintada em uma série de planos paralelos que se moviam ao longo de ranhuras instaladas no palco (V&A, 2019). Além dos teatros decorativos, existiam também na forma de teatro itinerante, onde era cobrado um valor para adultos e crianças poderem visualizar dentro da caixa, daí vem o nome *peepshow*, a palavra *peep* significa espiar.

Os Livros Túnel ficaram populares mesmo no século XIX, quando dispositivos ópticos estavam na moda (V&A, 2019). Estes podem ser mencionados como a versão mais clássica, sendo feitos em uma caixa sanfonada de papel e ou papelão, na

tampa ficava um ou dois olhos mágicos, as camadas de ilustração eram presas nas paredes da sanfona que se esticava dando noção de profundidade e se encolhiam assumindo formato compacto de caixa novamente. Geralmente eram produzidos a baixo custo, portanto começaram a ser vendidos como souvenirs em destinos turísticos populares, ou como substitutos da experiência real de algum evento. A tendência começou na Áustria e na Alemanha e rapidamente se espalhou pela França e pela Inglaterra (V&A, 2019).

Um evento que de fato tornaria popular a técnica foi o início da construção do túnel do Tâmis em 1825. Sendo a primeira vez a ser feito um túnel sob um rio navegável a notícia tomou proporções

globais e mesmo durante a construção já se viam mercadores vendendo todo tipo de souvenir (V&A, 2019). Segundo dados do site da *Library Company of Philadelphia* (1731) durante os vinte anos de construção do túnel foram feitos cerca de cinquenta designs de Livro Túnel diferentes para representar o túnel do Tâmis (Erika Piola, 2016).

O V&A relata que no fim do século XIX o Livro Túnel entrou em declínio e só foi revivido na década de 1950, no entanto agora o público era o infantil. A Série de Livros Werner Laurie Show (1950) foi pensada de forma que uma criança pudesse transformar seu livro, com a ajuda de cola e tesoura, em um Livro Túnel que retratava, por exemplo, uma performance

do Lago dos Cisnes. Atualmente além do formato para crianças o Livro Túnel também pode ser visto em livros de Artista contemporâneos como *Down the Rabbit Hole* (2005) de Tara Bryan (1953-2020) (V&A, 2019).

A inspiração visual para meu primeiro Livro Túnel não foi de livros, muito menos de peças clássicas ou contemporâneas, ela veio de um vídeo online de uma garota fazendo um espaçador de livros que imitava uma floresta. Era bem simples, ela pegava uma caixinha de papelão e decorava com pedras e plantas de plástico. Eu sempre quis fazer um desses para pôr na minha estante, depois de um tempo considerando pensei que seria divertido fazer um com recortes de aquarelas, mas eu estava

ocupada demais com a faculdade para me dedicar a algo assim, por fim acabei usando a ideia em um projeto da faculdade.

Aquele primeiro Livro Túnel ficou uma porcaria, não levei em consideração muitas coisas e no fim o resultado foi amador, mas a resposta de quem o viu foi bastante positiva e eu estava disposta a tentar novamente. Eu queria muito que meu bosque encantado desse certo.

O que eu não conseguia compreender completamente era porque este tipo de objeto fantasioso me parecia tão atraente. Pensando nos Livros Túneis clássicos, que possuíam um ou dois orifícios para observar o conteúdo, consegui relacionar com a estética do velamento tratada por Byung-Chul Han em *A salvação do Belo* (2019), no

livro ele caracteriza o belo como algo opaco, que possui um invólucro, e isso o torna erótico, aquilo que está a mostra, indo direto ao ponto e nu, assume caráter pornográfico.

A pornografia como nudez sem segredos e sem roupas é a figura oposta do belo. Seu lugar ideal é a vitrine: "Nada é mais homogêneo do que uma fotografia pornográfica. É sempre ingênua, intencional e sem cálculo. Como uma vitrine, em que se expõe uma única pérola, iluminada, ela absorve-se completamente na exposição de apenas uma coisa: o sexo; nunca haveria um segundo motivo impróprio, semi-escondido, um pouco atrasado ou quase despistado". (Han, 2019, p.43)

Ao esconder ou semiesconder a beleza isso gera um brilho provocante, isso nos instiga a querer saber o que tem ali, por exemplo, se você estiver em um lugar e as

portas estiverem abertas você logo de cara saberá o que está ali dentro, irá dar uma olhada e logo perderá interesse, mas se a porta for fechada para você, vai existir uma curiosidade em olhar pela fechadura ou pelas frestas.

Enquanto a minha obra de Livro Túnel parece estar completamente a mostra por ter uma abertura bem maior que as clássicas, ela ainda possui alguns níveis de velamento que ajudam a manter o interesse do espectador. O primeiro é o MDF que utilizo para esconder sua dimensão, quem vê uma moldura pendurada em uma parede espera logo encontrar uma pintura ou desenho, ao se deparar com uma profundidade que não se sabe de onde vem, à mente do observador passa a

procurar o que e como está escondido, tentando fazer sentido a informação que recebe.

Ao mesmo tempo que tenta compreender esta informação o observador se depara com o segundo nível: as imagens são planas, mas possuem profundidade.

Acontece que ao olhar uma imagem, por exemplo uma foto de um lugar, pessoa, ou objeto, temos noção que a imagem que recebemos é plana e bidimensional, mas ao mesmo tempo sabemos que a foto está representando algo tridimensional, existente na realidade.

Na minha pintura uso isso meio que de forma contrária. Minhas ilustrações são bastante caricatas, portanto, não imitam tanto a profundidade, no entanto, ao cortá-

las e separá-las em camadas acabo gerando profundidade e perspectiva, deste modo, o observador tenta entender como uma imagem plana está em um plano anterior ou posterior a outro.

Mesmo que pareça muito simples de desvendar a ideia de um objeto plano atrás de outro, isso pode ajudar o observador encontrar o terceiro nível de velamento, que são figuras ou elementos escondidos entre as camadas de papel.

Para todas as pessoas que eu já mostrei um Livro Túnel, quando mostrava o livro, todas elas se moviam ao observá-lo, como se precisassem ter certeza de que existe uma tridimensionalidade naquela ilustração, talvez precisem, e isso é ótimo,

pois ao se moverem acabam encontrando elementos escondidos ali dentro.

Você nunca vai conseguir observar um Livro Túnel por completo se não se mexer e procurar. Há sempre algo escondido entre as camadas, algum elemento, alguma mancha, algum remendo. Nessa modalidade de ilustração está amostra apenas uma parte mais superficial, para ver a fundo é necessário algo do espectador, e isso gera interesse.

Bom mesmo seria se eu pudesse entrar ali e fazer parte da imagem toda, mas imaginar isso já me é suficiente.

Agora vamos ao Livreto 3.

Livreto III

Sou uma pessoa minimalista em diversos aspectos da minha vida, me contento com pouco, consigo fazer festa com pouco, ao mesmo tempo, quando se trata das minhas artes, moda e decoração eu sempre preferi o maximalismo.

Certa vez vi uma celebridade mostrando sua casa com decoração minimalista, na minha opinião parecia uma sala de espera de dentista, mas entendi o ponto de vista dela que explicou que estava sempre em volta de mais celebridades, propagandas, um estilo de vida luxuoso, ou seja, sempre sobrecarregada de informações, e ao chegar em casa ela sentia a necessidade dessa ausência de informação. Ao mesmo tempo, vejo crescer na internet pessoas que buscam ter as

casas cheias de enfeites e cores, não porque recebem pouca informação no mundo externo, mas sim por esse extremo lhes remeterem a algo mágico e fantasioso, como se os tirassem da realidade e tornassem seu momento de descanso em casa algo mais lúdico.

Penso que minha obra funciona da mesma maneira que essas pessoas que gostam de decorações maximalistas. Trago muitas informações que ao invés de refletirem o seu dia-a-dia, trazem algo lúdico e que de certo modo entretêm o observador, podem não ser esteticamente perfeitas ou agradáveis, mas provocam a sensação de algo.

De acordo com Byung-Chul Han em *A Salvação do Belo* (2019), essa estética

minimalista, ou a estética do liso, é algo contemporâneo. Nada é tão moderno e belo quanto o liso, o transparente. O liso é algo de pura positividade, não opõe resistência, toda negatividade é posta de lado.

Nessa estética lisa as imagens que chegam aos nossos olhos são cortadas, polidas, depiladas, nuas, perfeitas e puras. A *influencer* que aparece nas redes sociais tem a pele muito lisa, ela não tem poros ou pelos, nada que gere desconforto, você tem a impressão de que passar o dedo sobre sua pele deve ser semelhante ao deslizar do *touch* da tela do seu celular.

O exemplo de arte contemporânea que o autor traz seguindo essa estética são as esculturas lisas e polidas de Jeff Koons (1955). O próprio artista diz que tudo que

obras como o *Ballon Dog* (1994 a 2000) devem transmitir para quem a vê é apenas um uau. Este uau é carregado de apatia, a pessoa não vê nada na obra a não ser seu reflexo sobre a superfície (A salvação do Belo, 2019).

Com toda certeza eu nunca quis o uau apático de Jeff Koons como reação das minhas ilustrações, pelo contrário, o que busco é mais próximo a um uau(!) de descobrir uma passagem secreta em uma casa.

Creio que isso funcione porque minhas artes não são lisas, elas possuem a textura do papel, as manchas da aquarela, os borrões da nanquim, falhas em branco na pintura e margens tortas nos recortes. Eu não consigo (e nem mesmo quero) recriar

algo tão perfeito e suavizado como a estética do liso propõe, para minha arte atingir o efeito que desejo ela precisa de defeitos.

Vivemos em tempo de consumo excessivo de informações, vemos muitas imagens diariamente e não somos capazes de ter reações além da curtida, pois esse consumo reside no contato imediato, não nos demoramos na imagem, a absorvemos em sua forma lisa e seguimos.

De acordo com Han nisso habita o *affectum*, “O meio digital é um meio de afeto. Afetos são mais rápidos do que sentimentos ou discursos. Eles aceleram a comunicação.” (Han, 2019, p.59). Imagens polidas, perfeitamente fabricadas para esse *affectum* não tem tempo para o silêncio, a

quietude e o discurso, elas não se demoram em nossos olhos, pois não temos onde demorar, elas são de absorção imediata são lisas e não carregam negatividade, assim não podem provocar dor ou qualquer outro sentido que não o *like*. Minha obra não é de absorção imediata, ela é feita para o demorar-se na arte.

Em entrevista ao crítico de cinema Roger Ebert, um dos fundadores do estúdio Ghibli, Hayao Miyazaki (1941), explica que os produtores de cinema têm medo do silêncio e quietude entre cenas dos seus filmes, por isso ficam colocando ação o tempo inteiro, mas isso pode deixar o espectador anestesiado. Ele explica que se você parar por um momento a tensão irá crescer e elevar a dimensão do filme.

Eles estão preocupados que o público fique entediado. Eles podem subir e pegar pipoca. Mas só porque é 80% intenso o tempo todo não significa que as crianças vão te abençoar com sua concentração. O que realmente importa são as emoções subjacentes – que você nunca as abandone. O que meus amigos e eu temos tentado fazer desde a década de 1970 é tentar acalmar um pouco as coisas; não os bombardeie apenas com barulho e distração. E seguir o caminho das emoções e sentimentos das crianças enquanto fazemos um filme. Se você permanecer fiel à alegria, ao espanto e à empatia, não precisará recorrer à violência e não precisará agir. Eles te seguirão. Este é o nosso princípio. (Miyazaki, 2002)

Quando me propus a criar uma obra que suspendesse a realidade eu estava pensando nisso, pensava no momento de pausa e contemplação nesses filmes.

Eu adoro essa sensação, o mundo hoje tem muita coisa a dizer o tempo todo, a arte contemporânea também tem e isso é importante, mas acho que também seja importante termos esses momentos de pausa, para não ficarmos anestesiados demais.

Em *Sociedade do Cansaço* (2010) Byung-Chul Han reconta o caso Bartleby, personagem de Herman Melville em *Bartleby, o escrivão* (1853), o personagem se torna extremamente apático, neurastênico, por conta do excesso de positividade e possibilidades que a sociedade pós-moderna dispõe.

Bartleby é anestesiado pela positividade, eu mesma diversas vezes já me senti assim, é tanto para fazer que

ficamos sem rumo, nos sentimos dopados para com relação ao mundo, um cansaço sem ter ideia de onde veio, e que por excesso de coisas a fazer não some, pois o mundo moderno detesta o tédio, como se a ideia de ficar sem fazer algo fosse criminoso e mortal.

Até minha terapeuta já me indicou, pois eu trabalho com imagens e usando a cabeça o tempo todo, quando estiver no intervalo do almoço no serviço, não leia, não fique no celular, ao invés disso caminhe, converse, durma, talvez fique entediada, você não vai querer cansar a cabeça mais ainda.

A sociedade do desempenho não admite o tédio, nela estamos sempre informados, sempre interessados, sempre

dando o melhor de nós, pois temos muitas possibilidades. Para essa sociedade, se estiver cansado, tome um café, ou um energético, se estiver triste tome antidepressivos, se estiver ansioso tome ansiolíticos, ao se sentir distraído coloque fones de ouvido e se isole, fique no máximo de concentração e atingirá o seu máximo de desempenho.

Nessa sociedade você pode ver que o mundo é belo, as pessoas são belas, você deve ser belo e até o que é feio é processado para ser feio de um jeito belo. Tudo é muito rápido, você não precisa parar de absorver conteúdo, afinal ele está na palma da sua mão, não é como se dependêssemos do jornal, do rádio e televisão para saber das coisas, assim é

possível absorver mais conteúdo enquanto descansamos do almoço por exemplo, e por fim nunca de fato descansar.

No começo pensei que seria contraditório dizer que uma obra, tão cheia de informações, fosse capaz de ter esse efeito de suspensão da realidade.

Se eu estou reclamando que o mundo tem informação demais, como mais informação pode ajudar? Acontece que se trata do tipo de informação. Minhas ilustrações não se valem de imagens perfeitamente manuseadas para serem entregues de modo imediato, não refletem o dia-a-dia social, são parte de uma fantasia.

Como expliquei no Livreto 2, minha arte utiliza do velamento como meio de instigar o observador, assim o mantendo na

obra. Ao manter-se na obra o observador pode demorar-se nela, absorver seus pequenos defeitos, encontrar seus detalhes e segredos, pode se alimentar de sua narrativa silenciosa e deixar a imaginação trabalhar.

Apesar de ter muita informação na obra, ela não te obriga a manter atenção em tudo ao mesmo tempo, não há necessidade de multitarefas, ela permanece imóvel. O observador pode fechar os olhos e contemplar suas impressões sobre a obra.

Se fosse de fato possível sair da realidade para uma terra de fantasia apenas cruzando meu armário eu iria, é melhor sentir ansiedade por estar sendo caçada por um dragão do que por nunca atingir as expectativas que a sociedade impõe. Como

isso não é possível eu crio obras como a Nepente.

Acho que agora posso caminhar para minhas considerações finais, mas se quiser pode olhar o livreto da obra.

A obra

PRÉ-PROJETOS

O primeiro Livro Túnel que fiz, ficou no mínimo interessante, mas cometi alguns erros que acabaram diminuindo a qualidade do trabalho.

A intenção era representar um ambiente mais escuro, então as paredes e o teto eram todas de papelão, mas acabei fazendo o fundo de papel manteiga e a luz ficou muito contrastante em relação as imagens, acabou que o pisca-pisca que coloquei teve pouco destaque no ambiente.

Outro erro foi que o papel utilizado não era firme o suficiente e não coloquei reforço em todos, o resultado foi que depois de algum tempo as peças começaram a se curvar dando um aspecto murcho.

Também não fiz uma boa distribuição dos elementos o que resultou em áreas

mais vazias que outras, na minha opinião esse Livro Túnel foi uma bela falha, ao menos me serviu para ganhar uma boa nota.



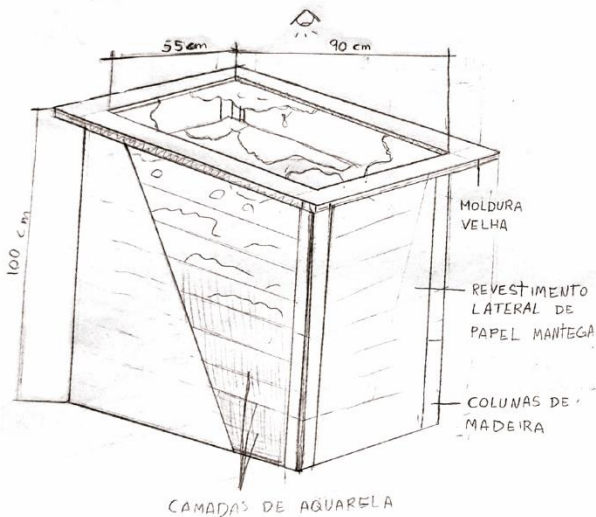
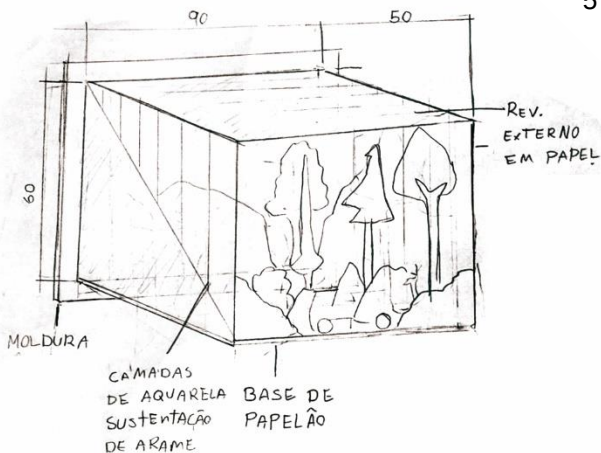
O primeiro Livro Túnel, uma decepção;

Após alguns meses do primeiro Livro Túnel eu já sabia que iria tentar novamente, então em uma aula tivemos que elaborar uma exposição fictícia e aproveitei isso para criar os primeiros projetos de como eu gostaria que fosse meu próximo Livro Túnel.

Para esses eu já planejava fazer as laterais de papel manteiga para obter mais luz e apenas um ou dois lados com papelão para sustentar a obra.

Também já havia decidido que era necessário criar um esqueleto de cubo com materiais mais firmes como madeira ou arame.

Eu fiz quatro projetos como estes, dois representando um bosque, um de uma cidade ao anoitecer e um de fundo do mar.



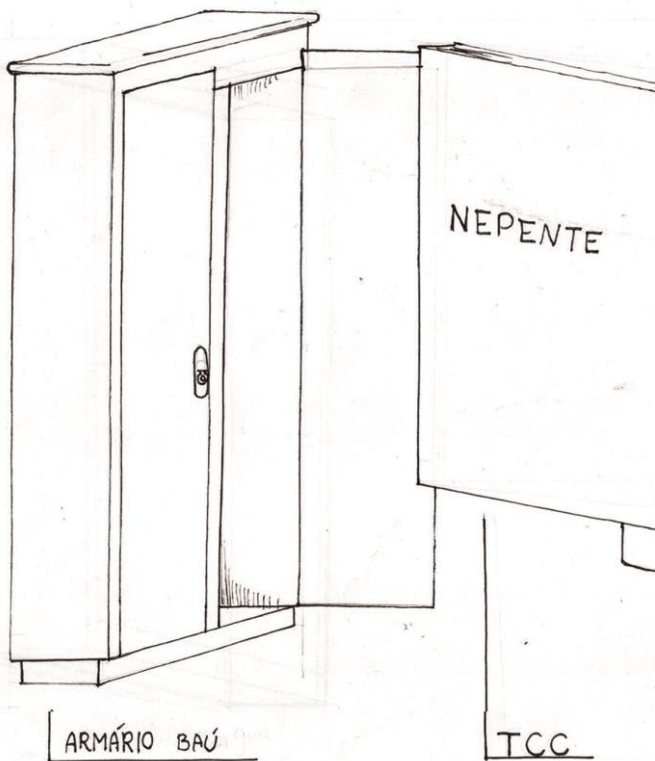
O primeiro Livro Túnel que fiz e gostei do resultado tinha 10 centímetros de largura, 7 de altura e 10 de profundidade. Utilizei papéis mais grossos e graças ao tamanho menor as formas ficaram mais firmes.

Além de confirmar que alterações como o esqueleto do cubo e as laterais de papel manteiga para entrar luz funcionariam, o propósito de tê-lo construído foi para usar como meio do professor Alan Cichela entender a proposta do meu TCC quando o convidei para ser meu orientador.





PROJETO DO ARMÁRIO

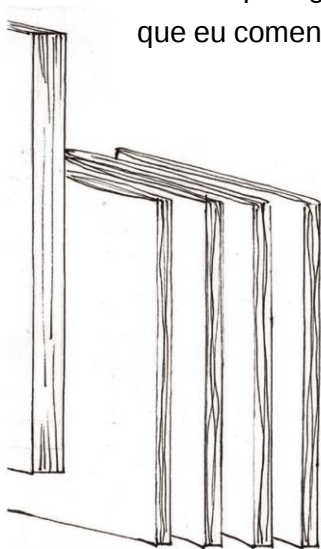


Desde as primeiras reuniões foi decidido fazer um TCC com imagens, por medo de não ser entendida decidi por fazer os livretos também.

Foi ideia do meu orientador utilizar um armário para guardar o conteúdo do TCC, já que eu comentei que queria poder entrar no

meu armário e viajar para uma terra mágica, como quando eu brincava na infância, por isso O design foi baseado no armário real dos meus pais.

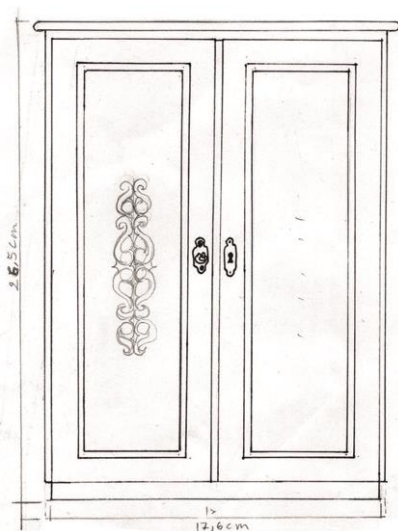
A partir da decisão tomada eu comecei a esboçar projetos que ajudariam tanta produção, quanto na visualização do trabalho.



LIVROS CAPÍTULOS

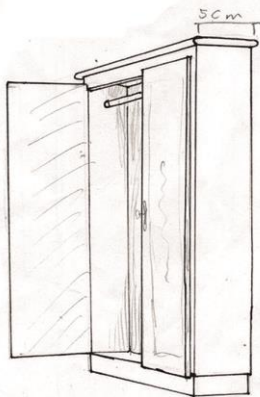
Foi construído com papel paraná e revestido com folhas de papel de 180g/m² para garantir resistência. Ele possui dois imãs que seguram as portas fechadas, já as dobradiças foram feitas com papel e uma tira de arame rígido.

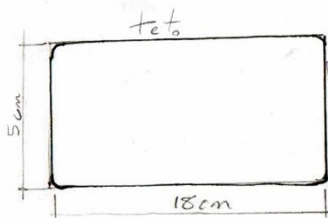
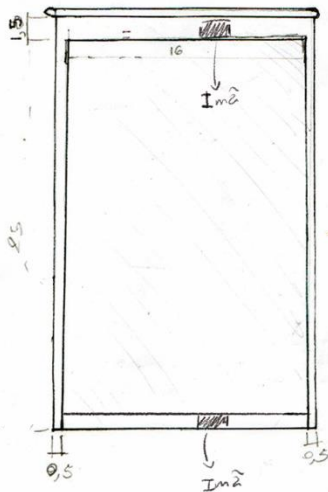
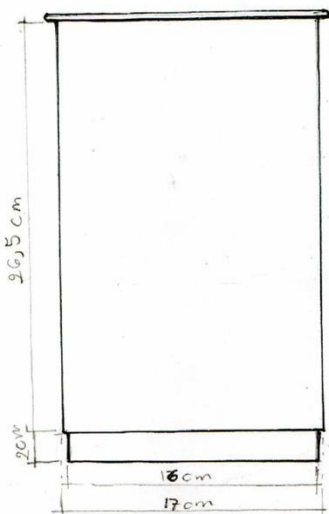
Os arabescos e demais enfeites das portas foram modelados com massa biscuit caseira.



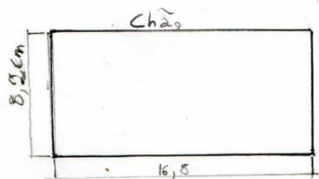
Também adicionei um porta-cabides de palito de churrasco onde os livretos ficam pendurados por cabides de arame e prendedores de madeira.

Este é o armário dos meus pais.



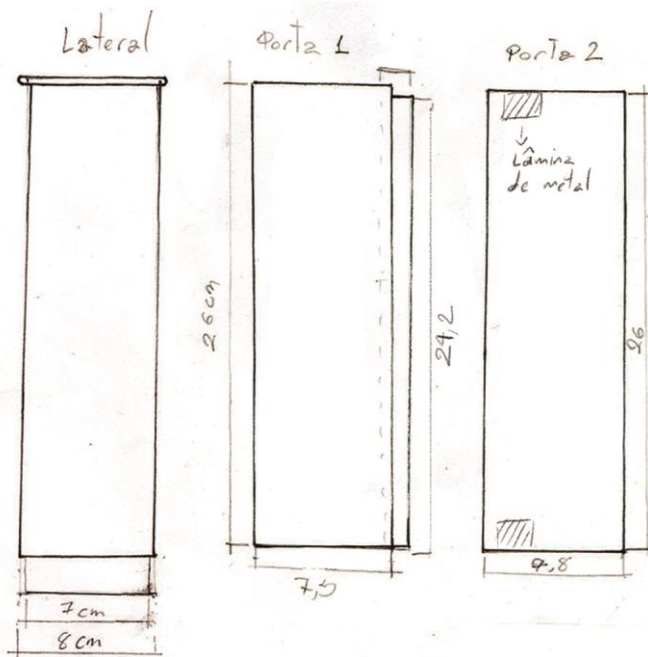


- São feitas duas laminas do teto para adicionar volume



- a segunda lamina do Chão é para guardar o 1 m^2

O primeiro projeto tinha medidas muito arbitrárias e tive que calcular tudo novamente quando fiz o modelo. Estas foram as medidas usadas no armário final.



RESULTADO DO ÁRMARIO





PROJETO FINAL DA OBRA

A obra *Nepente* ficou com aproximadamente 52 centímetros de largura, 43 de altura e 62 de profundidade, referente a uma moldura antiga que eu tinha em casa.

Fiz um esqueleto para o cubo com madeira, a base e o fundo são de papel paraná enquanto as laterais e o teto são de papel manteiga que pintei em degradê azul e verde, assim a luz colorida integra os elementos em cena.

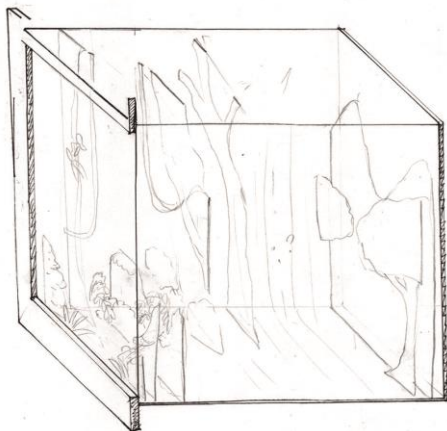
Meus esboços de cenários servem como uma referência para a ideia geral e não um objetivo definido, então o desenho, pintura e montagem dos elementos de papel são feitos de forma simultânea, conforme vou montando tenho ideia do que fazer a seguir.

Também não existem planos exatos de camadas, os desenhos são colados de forma livre.

VISÃO FRONTAL



VISÃO LATERAL



Os desenhos são feitos em folhas de 200g/m², contorno de nanquim e pintura em aquarela, depois de bem seco, faço o recorte.

Para garantir que os desenhos vão ficar firmes o suficiente reforço com dobras de papel também de 200g/m².

Antes de fixar os elementos em cena, posiciono e observo para ter certeza de que não vai encobrir demais algum outro desenho, se o que está atrás é visível de algum ângulo eu colo com cola branca.

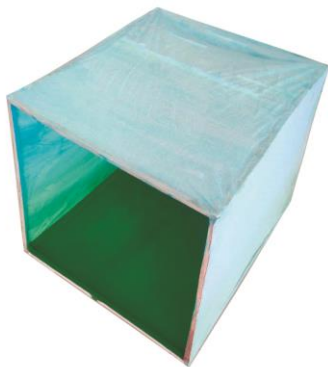


Visão interna
do cubo vazio;



Esqueleto do cubo à esquerda;

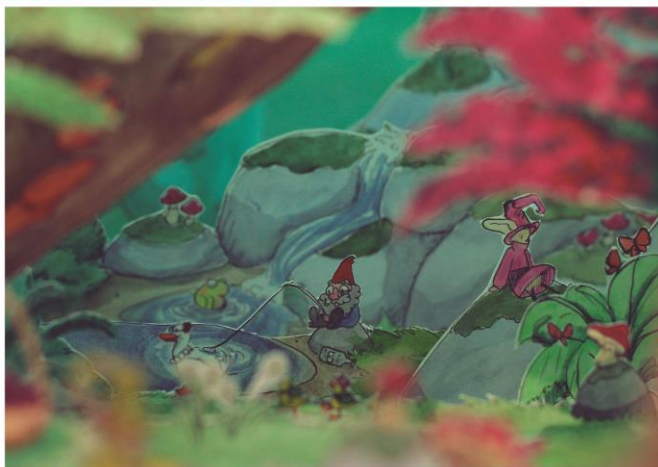
Abaixo o cubo com as laterais de papel manteiga e pintura;



Como são os reforços das ilustrações;

RESULTADO DA OBRA





Considerações Finais

Nepente vem do latim *nepenthes*, -es, é a designação de várias plantas carnívoras do gênero *Nepenthes*. Na mitologia era misturada com vinho produzindo uma bebida mágica capaz de retirar a dor e a aflição.

O título da obra nada mais é que uma palavra que encontrei anos atrás e a guardei na memória sem pretensões, sabendo que a usaria quando fizesse sentido. Encontrar uma bebida mágica que tire dor e aflição é um desejo fantasioso meu, assim como outros muitos que mantenho.

Este TCC também já foi um desejo considerado fantasioso, desde o princípio de sua ideia eu sabia qual seria o resultado, mas foi complicado chegar a ele,

principalmente quando eu não conseguia explicar a minha ideia e ela ficava perdida em meio a pensamentos velozes e desconexos, que pareciam fazer sentido apenas para mim.

Entender a pesquisa a/r/tográfica me trouxe um enorme alívio, saber que poderia trabalhar algo muito mais pessoal e imagético que textual, foi parte essencial para chegar ao fim da maneira mais suave possível. A a/r/tografia é uma metodologia muito considerada por artistas, que como eu tem dificuldade de expressar ideias em palavras, pois quando tentam não parecem ter estrutura compreensível.

Porém mesmo com menos texto que meus colegas de turma, passei a maior parte dessa pesquisa batendo a cabeça

contra as teclas do meu laptop, torcendo para que as palavras passassem a fazer sentido e eu pudesse finalmente escrever.

Quando eu cansava de forçar a escrita, me acalmava dizendo que alguma hora iria fluir, então eu comia um doce, saía de casa, caminhava com a minha cachorra, subia em uma árvore, conversava com alguém.

Quando me sentia menos atribulada trabalhava nas imagens, fiz os desenhos, planejei o armário, busquei artistas, tudo que me deliciava e proporcionava alívio para minha cabeça enrolada com as muitas preocupações inúteis que existiam na minha vida.

Minha terapeuta fez um trabalho incrível explicando que eu estava fazendo

tempestade em copo d'água e não precisava surtar. Na reta final, como qualquer bom universitário em fase de TCC, eu surtei, mas veja, foi no meio do surto que tudo fluiu e eu pude concluir esse projeto.

A parte mais curiosa de todo o processo foi aprender coisas que eu já sabia, e descobrir que eu já sabia isso, como uma pessoa que não gosta de estudar, ler e encontrar ideias que justificam e explicam as minhas foi extremamente prazeroso.

Ler sobre sociedade e estética ajudou a lembrar um gosto adormecido por filosofia que não tocava desde a saída do ensino médio, poder criar um sentido dessas ideias e relacionar com coisas que eu gosto, como

animação, serviu de estimulante para concluir esse processo.

Sinto algo semelhante ao que senti com a primeira ilustração que mostro neste projeto, a ilustração da casa de uma bruxa que fiz no ensino médio, o resultado é satisfatório, mas saber que tenho capacidade de fazer algo assim, e as pessoas acham isso interessante, é muito mais.

Agora chegando ao fim procuro entender ao menos se consegui de fato atingir os objetivos que propus a este trabalho, ao estudar a ilustração narrativa e conceituar a técnica de Livro Túnel, entendo que as possibilidades da técnica de ilustração em Livro Túnel foram elementos cruciais para construção desse projeto, que

ao exemplificarem seu funcionamento, mostram que podem fazer muito mais que apenas acompanhar uma história infantil, como a ilustração, ou construir um souvenir ou um brinquedo, como o Livro Túnel.

Acredito que ao entender dessas técnicas, também posso justificar que proporciono uma experiência estética ao observador, seja por nunca terem visto algo como um Livro Túnel, ou terem experimentado as técnicas de velamento que expliquei no Livreto 2.

Porém se de fato desperto o seu imaginário e proporciono um momento de suspensão da realidade, fica a par de quem observa responder, para mim, se o momento acontece. Ele trabalha no instante que me movo e me interessa

pela imagem, como se o filme estivesse parado e eu pudesse apreciar cada segundo que a imagem me oferece, ali me sinto sendo carregada para dentro da obra.

Dentro da minha percepção, consegui criar um momento de suspensão da realidade, pois isso era o que eu sentia antes mesmo da pesquisa ser desenvolvida para explicar como acontecia, no entanto, do mesmo modo que no Livreto 1 deixei a narrativa para ser feita pelo observador, deixo para quem quiser ver minha obra dizer se de fato eu lhe tirei da realidade.

Enfim considero que este Trabalho de Conclusão de Curso nascido da vontade de calar as vozes da minha cabeça evoluiu muito bem, apesar de bastante pessoal creio que ele poderá conversar com

qualquer um que esteja cansado e apático em relação ao mundo real, sei muito bem que não tem magia e aventura como nos filmes e livros, muitas vezes tudo parece caótico e sem rumo, mas o mundo real é precioso, pois nele podemos encontrar técnicas, meios, e justificativas que unidas conseguem formar algo poderoso o suficiente para transformar um momento em uma passagem para uma terra encantada.

A minha mistura gerou uma ilustração em Livro Túnel com capacidades semelhantes a uma poção mágica, capaz de tirar a dor e a aflição.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Tradução: Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993. 317 p. (2002).

CURATOR'S favorite: A tunnel book by any other name ... Disponível em: <<https://librarycompany.org/2016/07/13/curators-favorite-a-tunnel-book-by-any-other-name/#/>>. Acesso em: 29 out. 2023.

DESENHO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4625/desenho>. Acesso em: 30 de outubro de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. 244 p. ISBN 978-85-7391-186-2.

EBERT, Roger. **Hayao Miyazaki interview**. 2002. Disponível em: <https://www.rogerebert.com/interviews/hayao-miyazaki-interview>. Acesso em: 30 out. 2023.

FONDATION Beyeler – Eliasson.
Disponível em:
<<https://life.fondationbeyeler.ch/en/>>.
Acesso em: 21 out. 2023.

HAN, Byung-Chul. **A Salvação do belo**. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 126 p. ISBN 978-85-326-6031-2.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 63 p. ISBN 978-85-326-5083-2.

HAN, Qing. **Ilustrador**: Referência de lustração. China, 2023. Instagram: @qinniart. Disponível em: <https://www.instagram.com/qinniart/>. Acesso em: 15 out. 2023.

HEIKALA. **Ilustrador**: referência de ilustração. Japão, 2023. Twitter: @heikala_art. Disponível em: https://twitter.com/heikala_art. Acesso em: 15 out. 2023.

KLIX FREITAS, Neli; ZIMMERMANN, Anelise. A ilustração de livros infantis – uma retrospectiva histórica. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 330–337, 2019. DOI: 10.5965/1808312902042007330. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/16605>. Acesso em: 30 out. 2023.

LITERATURA infantil e juvenil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12152/literatura-infantil-e-juvenil>. Acesso em: 30 de outubro de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MEYER-PUTTLITZ, Lennert. **Wandering Shadows by Peter Graham**: inspiração

para livro túnel. Disponível em:
<https://www.miniatur-wunderland.com/discover-wunderland/special-exhibits/3d-paintings/>.
Acesso em: 15 out. 2023.

MISSION statement. Disponível em:
<<https://www.fondationbeyeler.ch/en/museum/mission-statement>>. Acesso em: 26 out. 2023

PAPER peepshows. Disponível em:
<<https://www.vam.ac.uk/articles/paper-peepshows>>. Acesso em: 28 out. 2023.

VIRIA. **Ilustrador**: referência de fanart. 2023. <https://www.tumblr.com/viria>.
Tumblr: @viria. Disponível em:
<https://www.tumblr.com/viria>. Acesso em: 15 out. 2023.

YU, Jenny. **Ilustrador**: Referência de lustração. 2023. Instagram: @yeuujjn.
Disponível em:
<https://www.instagram.com/yeuujjn/>.
Acesso em: 15 out. 2023.